



ciência plural

CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DE PROFISSIONAIS DA SAÚDE SOBRE FAKE NEWS

Knowledge and practices of health professionals about fake news

Conocimientos y prácticas de los profesionales de la salud acerca de las noticias falsas

Bruna Fatima Sczepanhak • Enfermeira na Fundação Hospitalar São Lucas •
E-mail: brunafatima.sczepanhak@gmail.com

Gabriela Zanettin • Enfermeira pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná –
Unioeste • E-mail: gaaabizanettin@hotmail.com

Greice Simara Flesch • Enfermeira pela Unioeste • e-mail: greief03@gmail.com

Kelly Cristine Oliveira • Enfermeira pela Unioeste •
E-mail: kellynhaco1@gmail.com

Vitória Thomé • Enfermeira pela Unioeste • e-mail: vitoriathome99@hotmail.com

Rosa Maria Rodrigues • Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste •
E-mail: rmrodri09@gmail.com

Gilson Fernandes da Silva • Secretaria Municipal de Saúde de Cascavel/PR. Escola
Municipal de Saúde Pública • E-mail: gilson_enfermeiro@hotmail.com

Solange de Fátima Reis Conterno • Professora Adjunta do Curso de Enfermagem e
da Pós-Graduação em Biociências e Saúde da Unioeste •
E-mail: solangeconterno@gmail.com

Alessandra Crystian Engles dos Reis • Professora Adjunta do Curso de
Enfermagem da Unioeste • E-mail: acereis75@gmail.com

Leda Aparecida Vanelli Nabuco de Gouvêa • Professora Adjunta do Curso de
Enfermagem e da Residência em Gerenciamento de Enfermagem da Unioeste •
E-mail: ledanabuco@yahoo.com.br

Autora Correspondente:

Rosa Maria Rodrigues • E-mail: rmrodri09@gmail.com

Submetido: 08/12/22

Aprovado: 13/07/23

RESUMO

Introdução: Fake news é a propagação de notícias falsas disseminadas de forma intencional, que buscam induzir ao erro. Na saúde, suas repercussões são negativas devido a consequências que podem gerar no enfrentamento de condições de saúde dos indivíduos. **Objetivo:** Identificar os conhecimentos e práticas de profissionais de saúde com relação à fake news. **Metodologia:** Trata-se de pesquisa exploratória, quantitativa, cujos participantes foram profissionais de saúde de um município de médio porte no Oeste do Paraná, que responderam à instrumento de coleta de dados on-line. Os dados foram sistematizados e analisados pela estatística descritiva. **Resultados:** Participaram 169 profissionais que entendem Fake news como notícias falsas; se utilizam de programas jornalísticos de televisão para se informar; recebem, mais frequentemente, notícias falsas pelo whatsapp; verificam em sites confiáveis as informações; entendem que fake News trazem riscos à saúde; já atenderam pessoas acreditando em notícias falsas; sabem que criar e divulgar fake News é crime e sabem identificar notícias falsas. **Conclusões:** Diante da infodemia vivenciada, sugere-se a apropriação das mídias sociais para a divulgação científica comprometida com a saúde, a fim de que a sociedade possa acessar informações confiáveis baseadas em evidências científicas.

Palavras-Chave: Comunicação, Desinformação, Pessoal de saúde, Educação em saúde.

ABSTRACT

Introduction: Fake news is the propagation of false news spread intentionally, which seeks to mislead. In health, its repercussions are negative due to consequences that may not generate coping with the health conditions of patients. **Objective:** To identify the knowledge and practices of health professionals regarding fake news. **Methodology:** This is an exploratory, quantitative research, whose participants were health professionals from a medium-sized city in western Paraná, who responded to the online data collection instrument. Data were systematized and analyzed using descriptive statistics. **Results:** 169 professionals understand Fake news as misleading information; they keep informed through television news programs; they more often receive fake news via WhatsApp; verify information on trusted sites; understand that fake news brings health risks; they have already served people who believe in fake news; they know that creating and disseminating fake news is a crime and they know how to identify fake news. **Conclusions:** In view of the infodemic experienced, it is suggested the appropriation of social media for scientific dissemination is committed to health so that society can access reliable information based on scientific evidence.

Keywords: Communication, Misinformation, Health personnel, Health education.

RESUMEN

Introducción: Las fake news son la propagación de noticias falsas difundidas de forma intencionada, que pretenden inducir a error. En salud, sus repercusiones son negativas por las consecuencias que puede generar el no afrontar las condiciones de salud de los

pacientes. **Objetivo:** Identificar los saberes y prácticas de los profesionales de la salud frente a las fake news. **Metodología:** Se trata de una investigación cuantitativa, exploratoria, cuyos participantes fueron profesionales de la salud de una ciudad de mediano porte del oeste de Paraná, que respondieron al instrumento de recolección de datos en línea. Los datos fueron sistematizados y analizados mediante estadística descriptiva. **Resultados:** 169 profesionales entienden las fake news como información engañosa; se mantienen informados a través de programas de noticias televisivos; reciben más a menudo noticias falsas a través de WhatsApp; verificar información en sitios confiables; comprender que las noticias falsas conllevan riesgos para la salud; ya han servido a personas que creen en noticias falsas; saben que crear y difundir noticias falsas es un delito y saben identificar las noticias falsas. **Conclusiones:** Ante la infodemia vivida, se sugiere la apropiación de las redes sociales para la divulgación científica comprometida con la salud para que la sociedad pueda acceder a información confiable basada en evidencia científica.

Palabras clave: Comunicación, Desinformación, Personal de salud, Educación para la salud.

Introdução

O termo inglês fake news tem sua tradução literal para o português como notícias falsas, conceito que está atrelado a produção e propagação de informações falsas, distorcidas e/ou incompletas, produzidas de forma intencional, com o objetivo de distorcer fatos, desinformar, manipular, enganar e induzir a erros diante de determinado assunto. Esta expressão surgiu durante uma cobertura jornalística da eleição presidencial dos Estados Unidos em 2016 e, a partir disso popularizou-se mundialmente¹. Em decorrência, com apoio de sites e redes sociais, os candidatos puderam alimentar notícias com rumores que não coincidiam com a verdade, retratando o adversário como um indivíduo inapropriado para o cargo².

As fakes news têm se tornado virais no mundo todo, utilizadas para manipular milhares de pessoas. Com o avanço generalizado das plataformas digitais e dos meios de comunicação está cada vez mais difícil diferenciar fake news de conteúdos verdadeiros e confiáveis. Atualmente muitas pessoas utilizam tecnologias digitais para a produção e distribuição de notícias, que com rapidez são compartilhadas facilitando a divulgação de todas as notícias, inclusive as falsas³. Ainda, o Brasil é considerado um dos países com maior circulação de notícias falsas em nível global⁴.

As repercussões negativas ocasionadas pelas fake news estão presentes em todos as esferas da vida, entretanto, a área mais afetada por esse compartilhamento é a saúde, um campo propício para boatos e rápida circulação de notícias nem sempre verdadeiras, isso ocorre porque a maior parte da população tem pouco conhecimento sobre a área e pela angústia que causam notícias sobre doenças⁵. Entrevista da especialista em Marketing digital Carolina Faillet, concedida à Opera Mundi, afirmava que a saúde é o segmento mais afetado, pois, para que a informação enganosa se propague, ela deve estar relacionada ao cotidiano e a vida dos indivíduos, diante disso ela aponta que não existem temas que afetam mais os cidadãos que a saúde e alimentação⁶.

Uma enorme repercussão de notícia falsa, vigente até os dias atuais, é a da que relacionou o autismo com a vacinação, em 26 de fevereiro de 1998, quando Andrew Wakefield, um médico, lançou uma pesquisa preliminar que relacionava a vacinação à crianças com autismo, mas era só uma hipótese. Contudo, a notícia circulou e reduziu drasticamente o número de crianças vacinadas no Reino Unido, espalhando-se globalmente. Também foi relacionado o autismo com o timerosal, componente presente em algumas vacinas; nos EUA, a notícia se espalhou, repercutindo na redução da vacinação, entretanto, mais tarde foi comprovado não haver nenhuma relação entre o timerosal e a incidência de autismo⁷.

Estudo apontou a correlação entre a divulgação das fake news e o surgimento da ansiedade, depressão e outros transtornos psíquicos, evidenciando como a disseminação dessas informações falsas podem prejudicar diversos aspectos da vida. Os autores ressaltaram que, além de alimentar sofrimentos psíquicos, as fake news podem resultar em situações mais graves levando até a morte⁸.

Diante das repercussões das fake news na saúde pública, é importante possuir perspicácia para investigá-las e então saber como detectá-las. Há quatro formas para se identificar uma notícia falsa ou imprecisa. Em primeiro lugar, identificar a fonte original da informação recebida, já que muitas são divulgadas em e-mails e mídia social, ou ainda, em links falsos: a informação recebida deve estar em um site oficial ou em uma publicação possível de averiguar sua autenticidade. A segunda maneira, é

verificar, o escopo de cobertura, ou seja, a informação recebida pode ser encontrada em vários sites com reputação e confiabilidade. O terceiro, é a possibilidade de verificar a informação em sites ou aplicativos que checam fatos úteis. Por último, também deve-se pesquisar se a informação recebida aparece em uma pesquisa generalizada com o título da notícia, para verificar se a mesma não é uma sátira ou mentira⁹.

Quando surgem notícias de caráter duvidoso, especialmente, sobre doenças e seus tratamentos, adoção ou não de medidas de prevenção, proteção ou controle oferecem risco para a saúde das pessoas. As mais afetadas são aquelas que não têm um conhecimento sobre a área da saúde, também aumentam as dúvidas e até mesmo a polarização entre os indivíduos, já que a fake news tem um caráter envolvente com um tom de autoridade que dá “respaldo” à desinformação. Essas notícias levam muitas vezes, à descrença na ciência e nas instituições e organizações de saúde¹.

Com o surgimento da pandemia do Sars-Cov-2, causador da Covid-19, agudizou-se a importância da tecnologia e de informações fidedignas, principalmente em momentos de grandes incertezas. Durante esse período, observa-se o esforço de cientistas e profissionais de saúde para o combate da nova doença e suas formas de prevenção. Além disso, muitas notícias falsas surgiram prometendo curas, que vão desde alterações na dieta, chás, ervas, medicamentos já existentes e até mesmo questionamentos sobre a existência do vírus¹⁰.

Vive-se num cenário de infodemia que deve ser entendida e enfrentada pela infoepidemiologia, para investigar a disseminação em meios digitais de conteúdos sobre saúde, de forma a monitorar informações, estimular a alfabetização sobre saúde e ciência, aprimorar notícias, elaborar checagens e revisões sistemáticas que diminuam fatores de distorção e desinformação, publicizando o conhecimento científico¹¹.

Diante disso, questiona-se quais os conhecimentos e práticas de profissionais de profissionais da saúde com relação à fake news? Para tanto, tem-se como objetivo identificar os conhecimentos e práticas de profissionais de saúde com relação à fake news.

Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório, de natureza quantitativa realizado com profissionais de saúde da Secretaria Municipal de Saúde (Sesau) e em parceria com a Escola de Saúde Pública de um município no Oeste paranaense. A Sesau conta com 1.728 servidores, a saber: 166 enfermeiros, 236 médicos, 93 cirurgiões dentistas, 69 assistentes sociais, 12 nutricionistas, 18 farmacêuticos, 6 fisioterapeutas, 6 fonoaudiólogos, 406 técnicos em enfermagem, 83 auxiliares de enfermagem, 216 agentes comunitários de saúde, 29 técnicos em saúde bucal, 124 agentes de endemias, 56 auxiliares de saúde bucal, 27 auxiliares de saúde, 13 administradores hospitalares, 17 analistas de laboratório, 13 técnicos de laboratório, 48 atendentes de serviço de saúde, 54 atendentes de farmácia, 36 técnicos em farmácia.

A direção da escola municipal de saúde pública enviou à todos os profissionais de saúde vinculados a secretaria, por seus grupos de comunicação com os servidores, link de acesso a um questionário on-line que investigava o perfil sociodemográfico: idade, escolaridade e profissão e questionava sobre fake news: “O que você entende por fake news?”, “Meios que utiliza para se informar”, “Já recebeu Fake news?”, “De que forma recebeu fake news?”, “Consegue identificar uma notícia falsa?”, “Costuma conferir as fontes das notícias que recebe?”, “De que forma?”, “Acredita que as Fake news podem trazer prejuízos à saúde?”, “Na sua prática profissional, já apareceu alguém acreditando em informação errada sobre assistência à saúde em função de uma Fake news?”, e “Você sabe que criar ou espalhar Fake news é crime?”. Foram também apresentadas algumas notícias para tais profissionais, os quais tinham que responder se eram verdadeiras, ou fake news.

Essa investigação ocorreu no período de julho a agosto de 2021 pelo link que levava os interessados ao formulário hospedado na plataforma Google Forms, cuja primeira página mostrava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Responderam ao questionário de forma completa 169 profissionais.

As variáveis supracitadas foram tabuladas e apresentadas em forma de frequências absolutas e relativas (em porcentagem), sendo analisadas por meio do Teste de Qui-quadrado de aderência, assumindo um nível de significância de $\alpha = 0,05$.

Todas as análises estatísticas foram realizadas no programa XLStat Versão 2014. Os resultados foram discutidos em interlocução com outros estudos ou problematizados de acordo com os dados específicos trazidos por esta pesquisa.

O estudo foi cadastrado pela CAAE: 45236221.7.0000.0107 e aprovado pelo Parecer CEP: 4.681.278/2021 em atenção à Resolução CNS-466/2012¹² e orientações para pesquisas on-line dispostas no Ofício Circular N° 2/2021/CONEP/SECNS/MS.

Resultados

Perfil sociodemográfico

A análise do perfil sociodemográfico indicou haver diferença significativa em todas as variáveis ($p < 0,0001$). Observou-se que, entre os respondentes, a faixa etária significativamente mais frequente foi a de 41 a 45 anos (18,93%), seguida por 31 a 35 anos (17,16%), 26 a 30 anos (13,61%), 36 a 40 (13,61%) e 46 a 50 anos (10,65%). As faixas que menos apareceram foram a de menos de 20 anos (0,59%) e a de mais de 70 anos (0,59%; $\chi^2 = 81,70$; $p < 0,0001$) (Tabela 1).

Em relação à escolaridade, a Graduação apresentou expressivamente a maior frequência (72,78%; $\chi^2 = 394,78$; $p < 0,0001$), e o Doutorado, a menor (1,78%) (Tabela 1).

Sobre a profissão dos participantes, os enfermeiros apareceram como os significativamente mais frequentes (37,87%; $\chi^2 = 583,61$; $p < 0,0001$), seguidos pelos agentes de endemia (12,43%) e pelos assistentes sociais (10,06%; $\chi^2 = 583,01$; $p < 0,0001$) (Tabela 1).

Tabela 1 – Frequências absolutas (FA) e relativas (FR%) das variáveis relacionadas ao perfil epidemiológico de 169 profissionais de área da Saúde. p-valor: Teste de Qui-quadrado de Aderência.

Variáveis	Categorias	FA	FR%	p-valor
Idades (faixas etárias)	Menos de 20 anos	1	0,59	< 0,0001
	21-25	16	9,47	
	26-30	23	13,61	
	31-35	29	17,16	
	36-40	23	13,61	
	41-45	32	18,93	
	46-50	18	10,65	
	51-55	15	8,88	

	56-60	7	4,14	
	61-65	4	2,37	
	Mais de 70 anos	1	0,59	
Escolaridade	EF (1a à 8/9ª série) incompleto	2	1,18	< 0,0001
	Ensino Médio completo	13	7,69	
	Ensino Médio profissionalizante	7	4,14	
	Graduação	123	72,78	
	Mestrado	21	12,43	
	Doutorado	3	1,78	
Profissão	Acadêmica de enfermagem	1	0,59	< 0,0001
	Administrador hospitalar	6	3,55	
	Advogada	1	0,59	
	Área administrativa	7	4,14	
	Agente comunitários de saúde	2	1,18	
	Agente de endemia	21	12,43	
	Analista de laboratório	1	0,59	
	Assistente social	17	10,06	
	Atendente de farmácia	1	0,59	
	Atendentes de serviço de saúde	4	2,37	
	Auxiliar de saúde	1	0,59	
	Coordenadora	1	0,59	
	Costureira	1	0,59	
	Enfermeiro/a	64	37,87	
	Esteticista	1	0,59	
	Farmacêutico(a)	1	0,59	
	Médico veterinário	1	0,59	
	Médico/a	13	7,69	
	Odontólogo/a	15	8,88	
	Pedagoga	1	0,59	
Psicólogo/a	3	1,78		
Técnico de laboratório	1	0,59		
Técnico/a em enfermagem	5	2,96		

Valores em negrito indicam diferença significativa.

Fonte: Autores (2022).

As fake News para os profissionais de saúde

Quando questionados sobre já terem ou não ouvido falar em fake news, 100% dos participantes responderam de forma positiva. A opção de fake news, como “notícia falsa” obteve a maior frequência (83,43%, $x^2 = 448,14$; $p < 0,0001$), seguida por “mentira intencional com impacto na realidade” (78,70%) e por “uma forma de influenciar a opinião das pessoas” (58,58%) (Tabela 2). Nesta questão era possível marcar mais de uma resposta.

Sobre os meios que utilizam para se informar, destacando que era possível assinalar mais de uma resposta, verificou-se que a opção “Programas jornalísticos via televisão” foi maior do que as outras (67,46%; $\chi^2 = 1406,85$; $p < 0,0001$), seguida por “Jornais on-line” (63,31%) e pelas opções: “Facebook”, “Programas jornalísticos via rádio”, “Instagram” e “WhatsApp” (38,46%; 35,50%; 34,91% e 32,54%, respectivamente) (Tabela 2).

Dos 169 participantes, 96,45% já receberam fake news, sendo este valor significativo ($\chi^2 = 147,72$; $p < 0,0001$) (Tabela 2). A forma significativamente mais frequente pela qual os respondentes receberam fake news foi pelo WhatsApp (82,84%, $\chi^2 = 704,41$; $p < 0,0001$), seguida pelo Facebook (67,46%), pelo Instagram (39,05%), por Programas jornalísticos via televisão (17,75%) e por Jornais on-line (17,75%) (Tabela 2).

Quando questionados se conseguem identificar uma notícia falsa, 86,98% responderam que sim, sendo tal valor significativo ($\chi^2 = 93,94$; $p < 0,0001$). Dos 169, 73,96% disseram que costumam conferir as fontes das notícias que recebem, sendo tal opção estatisticamente maior do que a negativa ($\chi^2 = 214,09$; $p < 0,0001$). Os que responderam de forma positiva à última questão disseram que conferem as notícias principalmente “Verificando outras fontes, meios de comunicação e sites oficiais” (24,00%), sendo esta resposta maior do que as outras. Em seguida apareceram as opções “Checando a fonte”, “Em sites confiáveis e oficiais”, “Através da Internet/Google” e “Através de pesquisas sobre o assunto”, com 23,20%, 15,20%, 10,40% e 8,80%, respectivamente (Tabela 2).

Em relação a acreditar que as fake news podem trazer prejuízos à saúde, 97,63% responderam que sim, sendo esta significativamente maior do que a opção negativa (2,37%; $\chi^2 = 151,48$; $p < 0,0001$) (Tabela 2).

Os participantes foram indagados se durante sua prática profissional já apareceu alguém acreditando em informação errada sobre assistência à saúde em função de uma fake news, sendo que 97,63% assinalaram a opção “Sim”, sendo esta significativamente maior do que a “Não” (2,37%; $\chi^2 = 151,48$; $p < 0,0001$) (Tabela 2).

Por fim, foi questionado se eles sabiam que criar, ou espalhar, fake news é crime. A maioria (98,22%) respondeu que sim, sendo o valor significativamente maior do que a opção negativa (1,78%; $\chi^2 = 155,30$; $p < 0,0001$) (Tabela 2).

Tabela 2 – Frequências absolutas (FA) e relativas (FR%) das variáveis relacionadas ao descritivo sobre *fake news* de 169 profissionais de área da Saúde p-valor: Teste de Qui-quadrado de aderência.

Variáveis	Categorias	FA	FR%	p-valor
O que você entende por <i>Fake News</i>	Mentira intencional com impacto na realidade	133	78,70	< 0,0001
	Notícia falsa	141	83,43	
	Uma forma de influenciar a opinião das pessoas	99	58,58	
	Especulações sobre a vida de políticos/famosos	25	14,79	
	Informação incompleta ou modificada	84	49,70	
	Fofoca	39	23,08	
	Notícia em primeira mão	1	0,59	
	Uma informação real, porém, extraoficial	1	0,59	
	Uma mentira sem impacto nenhum na vida cotidiana	2	1,18	
Meios que utiliza para se informar	Internet	1	0,59	< 0,0001
	Jornais online	17	10,06	
	Lives	1	0,59	
	Podcasts	1	0,59	
	Programas jornalísticos via rádio	60	35,50	
	Programas jornalísticos via televisão	114	67,46	
	Revistas semanais	1	0,59	
	Sites de instituição ligada a pesquisa e de renome (ex: Fiocruz)	1	0,59	
	Sites de notícias	1	0,59	
	Sites oficiais	2	1,18	
	Artigos científicos	1	0,59	
	Artigos científicos e publicação oficial	1	0,59	
	Ministério Saúde e leis	1	0,59	
	Facebook	65	38,46	
	Fontes oficiais	2	1,18	
	Google notícias	1	0,59	
	Instagram	59	34,91	
	Jornais online	107	63,31	
	Jornal impresso	19	11,24	
	Programas jornalísticos via rádio	6	3,55	
Programas jornalísticos via televisão	6	3,55		
Quando o assunto me interessa, colete informações de duas ou mais fontes confiáveis	1	0,59		

	Sites de pesquisas	1	0,59	
	Sites oficiais ou com credibilidade	1	0,59	
	Twitter	7	4,14	
	WhatsApp	55	32,54	
	YouTube	1	0,59	
Você já recebeu <i>Fake news</i> ?	Sim	163	96,45	< 0,0001
	Não	6	3,55	
De que forma recebeu <i>Fake news</i> ?	Facebook	114	67,46	< 0,0001
	Internet	1	0,59	
	Lives	1	0,59	
	Programas jornalísticos via rádio	14	8,28	
	Programas jornalísticos via televisão	30	17,75	
	Telefone	1	0,59	
	E-mail	1	0,59	
	Instagram	66	39,05	
	Jornais online	30	17,75	
	Jornal impresso	4	2,37	
	Twitter	12	7,10	
	WhatsApp	140	82,84	
Consegue identificar uma notícia falsa?	Sim	147	86,98	< 0,0001
	Não	22	13,02	
Costuma conferir as fontes das notícias que recebe?	Sim	125	73,96	< 0,0001
	Não	44	26,04	
De que forma? (considerando apenas quem respondeu sim na questão anterior)	Verificando outras fontes, meios de comunicação, sites oficiais	30	24,00	< 0,0001
	Checando a fonte	29	23,20	
	Em sites confiáveis e oficiais	19	15,20	
	Através da Internet/Google	13	10,40	
	Através de pesquisas sobre o assunto	11	8,80	
	Plataformas de identificação de notícias falsas (fato ou fake)	2	1,60	
	Confiabilidade do site, veículos de imprensa, contestação de informação.	1	0,80	
	Verificando a fonte, trabalhos científicos e se já foi assunto de <i>Fake news</i> .	2	1,60	
	Através do Google e pessoas que se preocupam com a verdade.	1	0,80	
	Buscando dados/informações concretas, ouvindo especialistas da área	1	0,80	
	Comparando com outras notícias relacionadas	1	0,80	
	Não repassando e investigando	1	0,80	
	Perguntando para outras pessoas	1	0,80	
	Questionando a pessoa que compartilhou	1	0,80	
	Verificando se é de órgão oficial.	1	0,80	
	Não costumo fazer essa verificação.	1	0,80	

<p>Acredita que as <i>Fake news</i> podem trazer prejuízos à saúde?</p>	<p>Sim Não</p>	<p>165 4</p>	<p>97,63 2,37</p>	<p>< 0,0001</p>
<p>Na sua prática profissional, já apareceu alguém acreditando em informação errada sobre assistência à saúde em função de uma <i>Fake news</i>?</p>	<p>Sim Não</p>	<p>165 4</p>	<p>97,63 2,37</p>	<p>< 0,0001</p>
<p>Você sabe que criar ou espalhar <i>Fake news</i> é crime?</p>	<p>Sim Não</p>	<p>166 3</p>	<p>98,22 1,78</p>	<p>< 0,0001</p>

Valores em negrito indicam diferença significativa

Fonte: Autores (2022).

Os 169 participantes tiveram acesso à notícias e responderam se, de acordo com seu conhecimento, elas eram verdadeiras, ou fake news. Em relação à notícia sobre o cartório do Espírito Santo (ES) ter registrado a primeira criança com nome "Alquingel", 74,56% das pessoas disseram ser fake news, opção de relevância significativa em relação à outra (verdade: 25,44%) ($p = 0,0001$; $\chi^2 = 41,75$; Tabela 3).

A notícia que dizia que o vírus Corona de Wuhan pode ser curado por uma tigela de água de alho recém fervida foi assinalada pela como fake news (99,41%) ($p = 0,0001$; $\chi^2 = 167,01$) (Tabela 3). Sobre a notícia de que a FDA (sigla para Food and Drug Administration) havia anunciado oficialmente que as vacinas estão causando autismo, obteve-se um valor significativo de 99,41% de respostas dizendo ser fake news ($p = 0,0001$; $\chi^2 = 167,01$) (Tabela 3).

Analisando a notícia que relatava que, de acordo com o CDC (sigla para Centers for Disease Control), as máscaras faciais não previnem Covid-19, e que o estudo descobriu que as máscaras têm um impacto insignificante nos números do coronavírus, 94,41% das respostas foi fake news, sendo tal valor de maior relevância estatística do que o outro (verdade: 5,33%) ($p = 0,0001$; $\chi^2 = 136,71$) (Tabela 3).

Por fim, sobre o fato de que os desmatamentos e as queimadas alteram os ciclos de chuva e reduzem a retenção de água no solo, 94,08% assinalaram a opção Verdade, sendo esta de maior relevância do que a opção fake news (5,92%; $p = 0,0001$; $\chi^2 = 129,61$) (Tabela 3).

Tabela 3 – Frequências absolutas (FA) e relativas (F%) das respostas de 169 profissionais de área da Saúde em relação a algumas notícias serem, ou não, *Fake news*. χ^2 : valor de Qui-quadrado observado. p-valor: Teste de Qui-quadrado de Aderência.

Notícias	Respostas	FA	%	p-valor
Cartório no ES registra primeira criança com nome "Alquingel"	<i>Fake news</i>	126	74,56	< 0,0001
	Verdade	43	25,44	
O vírus Cororna de Wuhan pode ser curado por uma tigela de água de alho recém fervida	<i>Fake news</i>	168	99,41	< 0,0001
	Verdade	1	0,59	
Agora é oficial: a FDA anunciou que as vacinas estão causando autismo	<i>Fake news</i>	168	99,41	< 0,0001
	Verdade	1	0,59	
CDC: Máscaras faciais não previnem COVID-19, estudo descobre que as máscaras têm impacto insignificante nos números do coronavírus	<i>Fake news</i>	160	94,67	< 0,0001
	Verdade	9	5,33	
Desmatamento e queimadas alteram ciclos de chuva e reduzem retenção de água no solo	<i>Fake news</i>	10	5,92	< 0,0001
	Verdade	159	94,08	

Fonte: Autores (2022).

Discussão

Os participantes foram, em sua maioria adultos jovens com menos de 45 anos (124/73,37%) configurando força de trabalho que ainda poderá permanecer atuando e enfrentando o fenômeno das fake news, ampliado pela facilidade de divulgação de informações, característica do tempo presente.

Os enfermeiros, na realidade estudada são a segunda maior categoria em número absoluto de profissionais. E vale ressaltar, a importância do enfermeiro como educador com a equipe e pessoas cuidadas. É fato que as fake news geram confusão e dificultam o repasse de informações verídicas a população, em especial sobre a pandemia do Sars-CoV-2 e a vacinação contra a Covid-19¹³.

Estudo realizado por Barcelos et al.¹⁴ encontrou 329 fake news durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. Outro estudo identificou e checkou 938 fake news, no período de um ano durante a pandemia, salientando a importância dos meios de comunicação na divulgação de notícias verdadeiras e checagem das informações falsas. Compete aos profissionais de saúde se somar na oferta de orientações a população e, aos cientistas cabe manter a ética na produção e divulgação dos conhecimentos¹⁵.

De acordo com os resultados, (141/83,43%), dos participantes assinalou que compreendem fake news como “notícia falsa” e apenas 0,59% relacionou a definição

de fake news aos termos “notícia em primeira mão” ou “Uma informação real, porém, extraoficial”. Diante do exposto observa-se que os profissionais compreendem o correto conceito de fake news, apesar de ser apontado por Barcelos et al.¹⁴, que não existe um consenso para uma única definição do que é fake news.

Os resultados apresentam que os participantes acessavam as informações e notícias diárias através do uso das tecnologias digitais (televisão, internet, redes sociais). Demonstrando a centralidade das tecnologias digitais e seu impacto na vida social e sua influência na possibilidade da obtenção de inúmeras informações o tempo todo¹⁶.

Acerca dos meios de comunicação mais utilizados para obtenção de informações aos quais a população do estudo mais recebeu fake news, as redes sociais foram as principais (WhatsApp, Facebook e Instagram). Resultados semelhantes foram identificados no estudo de Zanatta et al.¹⁷, em que a principal fonte de propagação de fake news para pessoas idosas foi o Whatsapp e, para população mais jovem foi o Facebook, além disso Barcelos et al.¹⁴ e Gualhardi et al.¹ indicam esses meios como os principais disseminadores de fake news.

Sobre a capacidade de reconhecer fake news, estudo¹⁷ identificou que indivíduos que possuem maior nível de educação (ensino médio completo e superior) têm mais facilidade em distinguir notícias verdadeiras de notícias inverídicas, além disso, os profissionais de saúde afirmaram verificar as fontes das notícias mais do que outros profissionais, achados que vão ao encontro dos resultados ora apresentados, em que os participantes são profissionais de saúde e que, a maioria possui ensino superior completo.

Em estudo desenvolvido pela empresa de cibersegurança Kaspersky com uma amostra de 2.291 pessoas de seis países da América Latina, demonstrou-se que em relação ao Brasil 62% da população não sabe reconhecer uma notícia falsa ou não possuem certeza se conseguem diferenciar uma notícia falsa de uma verdadeira¹⁹. Esses achados são divergentes dos encontrados neste estudo, com profissionais da área da saúde e dimensionam a importância da sua postura diante das notícias que recebem

pelos meios de comunicação de massa e como agentes de esclarecimento de informações com potencial de causar danos à saúde das pessoas.

Sob essa perspectiva (165/97,63%) dos participantes acreditam que as fake news podem trazer prejuízos à saúde da população. Como exemplo, a divulgação da pesquisa, posteriormente reconhecida como falsa, que relacionava a vacinação de crianças com a vacina tríplice viral e o desenvolvimento de autismo, publicado pela revista Lancet 1998, que desencadeou a diminuição na adesão à vacinação e, conseqüentemente, o retorno do sarampo como doença de preocupação ocasionando em internações e mortes de crianças, além de fomentar o movimento Anti-Vacina que existe até hoje¹⁸.

Neste estudo, (165/97,63%) dos profissionais relataram que já se depararam com situações em que indivíduos acreditavam em notícias falsas sobre saúde. Em outro estudo¹⁹ associou-se o impacto significativo das fake news na realização de pesquisas científicas levando a dificuldades em concluir o estudo e em recuperar a confiança e a contribuição da população.

Ferreira et al.²⁰ apontam que durante a realização de ações educativas presenciais, se deparam com o receio da população em realizar a vacinação contra o Sars-CoV-2, devido as reações adversas graves ou que poderia alterar o DNA, além disso, indivíduos acreditavam que logo após receber o imunizante já não precisavam mais utilizar máscaras.

No levantamento realizado, (166/98,22%) profissionais acreditam que criar, espalhar fake news é crime. Vale ressaltar que no Brasil ainda não existe uma legislação específica para a criminalizar as fake news, há somente o Projeto de Lei nº 2630/2020 que está em tramitação na Câmara dos Deputados, no presente momento. Porém, este assunto é delicado, já que esbarra na liberdade de expressão da população em geral. Em alguns países são adotadas medidas mais duras a respeito da divulgação de notícias falsas, como a Alemanha que prevê multas para quem veicular notícias falsas e ilegais¹⁹.

Na tentativa de verificar a identificação de fake news por parte dos participantes do estudo, de acordo com seus conhecimentos, foi possível observar que

a maioria dos respondentes identificou as fake News. Apesar disso, alguns ainda registraram fake news como verdadeiras. Em outro estudo, sete a cada dez pessoas no Brasil, já acreditaram ao menos em uma notícia falsa durante a pandemia. E, conforme um trabalho realizado por um professor de psicologia e ciência neural de uma faculdade de Nova York, as pessoas acreditam em notícias e informações que reafirmem suas próprias crenças, mesmo sendo fake news, desde que reforcem sua visão de mundo¹.

Sob essa perspectiva, para David e Martínez-Riera³, a propagação constante de fake news além de servir interesses próprios, ou reafirmar crenças, coloca grupos contra grupos, interferindo na coesão social. Seguindo essa linha de pensamento, Brisola e Bezerra²¹, apresentam que as fake news possuem motivação ideológica. No presente estudo, uma das fake news utilizadas nas entrevistas, intitulada “CDC: Máscaras faciais não previnem Covid-19, estudo descobre que as máscaras têm impacto insignificante nos números do coronavírus”, teve cerca de (9/5,33%) respostas positivas, ou seja, os respondentes acreditam que a notícia seja verdadeira, é possível que a visão de mundo desses participantes, apesar de serem profissionais da saúde esteja perpassada por conteúdo ideológico e político diferenciando-os dos (160/94,67%) que responderam que a notícia era uma fake News.

Entretanto, não se pode ignorar outros fatores, como por exemplo a falta de conhecimento técnico. Em Barcelos et al.¹⁴, as fake news tinham conteúdo de posicionamento político e desinformação acerca do número de casos e óbitos, assim como sobre medidas de prevenção e tratamento.

No contexto pandêmico, ficou explícito que o intuito da propagação de fake news foi influenciar e potencializar o comportamento da população, resultando na não adesão aos cuidados comprovados pela ciência, englobando outras afirmações que permeiam o negacionismo¹⁴. De maneira que é fundamental verificar a veracidade dos conteúdos recebidos, antes de repassar, evitando danos e riscos diretos à saúde do próprio indivíduo e dos outros ao seu redor²².

Ademais, os respondentes deste estudo demonstraram que, apesar de já terem se deparado com fake news e, até mesmo acreditado em algum momento, conseguem

identificar quando notícias se tratam de fake news. Dado estimulante, pois são profissionais de saúde e têm o compromisso de repassar informações confiáveis sobre saúde às pessoas cuidadas.

Há claro impacto das fake news na saúde da população e no sistema de saúde: influenciam a credibilidade do SUS, seu compartilhamento rápido altera o comportamento das pessoas expondo-as a riscos, sofrimentos psicológicos, medo e pânico, interferem no trabalho dos órgãos envolvidos na contenção da pandemia e geram desconfiança. Pois, são produzidas e compartilhadas como verdadeiras, com recursos linguísticos e midiáticos que lhes atribuem credibilidade, induzem o uso de medicamentos sem comprovação para prevenir e tratar e, de igual importância, há a negação da ciência gerando apatia, cinismo, extremismo que podem ameaçar a convivência democrática²³.

Implicam, portanto, que as mídias sociais sejam incorporadas ao trabalho cotidiano dos profissionais de saúde, como estratégia para enfrentar a divulgação de notícias falsas e ferramentas para a educação em saúde amparadas em conteúdos claros e de evidências científicas, sem margens para dualidade e equívocos e sejam orientados pela ética e bioética profissional, em todos os ambientes de cuidado²⁴.

Conclusões

O estudo mostrou que os profissionais associam fake news à notícia falsa e as identificam, assim como acreditam que este fenômeno tem impactado nas informações das pessoas cuidadas. Da problematização da temática se depreende que o processo de trabalho em saúde, durante e após a pandemia, foi dificultado pelo avanço de notícias falsas potencializadas pela rapidez do acesso à informações, configurando uma infodemia.

Diante disso, requer-se que as ferramentas que são utilizadas para disseminar fake news e desinformação sejam incorporadas ao trabalho em saúde, em especial na educação em saúde, para fazer frente à onda de informações deliberadamente ou não produzidas para desacreditar o SUS e para questionar as possibilidades de cuidado que os profissionais de saúde dispõem no enfrentamento da epidemia e das demais doenças que dependem de disposição das pessoas para buscar medidas preventivas

como as vacinas, tão impactadas nos últimos anos pelo fenômeno das fake news. Sugere-se assim, a apropriação, no trabalho em saúde, das mídias sociais para a potencialização da educação em saúde com indivíduos e comunidades.

Recomenda-se outros levantamentos para verificar como os profissionais de saúde têm se inserido na discussão sobre fake news, além do seu importante papel como agente disseminador de informações verdadeiras, confiáveis e humanamente aceitáveis, assim como, a ampla popularização de estudos científicos, de forma que a sociedade possa acessar informações confiáveis baseadas em evidências científicas.

Referências

1. Galhardi CP, Freire NP, Minayo MCS, Fagundes MCM. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2020; 25: (Supl.2)4201-4210. DOI: 10.1590/1413-812320202510.2.28922020
2. Paula LT, Silva TRS, Blanco YA. Pós verdade e fontes de informação: um estudo sobre Fake news. *Revista conhecimento em ação, Rio de Janeiro*. 2018; 2(1):93-110. DOI: <https://doi.org/10.47681/rca.v3i1.16764>
3. David HMSL, Martínez-Riera JR. Fake news e pequenas verdades: uma reflexão sobre a competência política do enfermeiro. *Texto & Contexto-Enfermagem*. 2020; 29: e20190224. DOI <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2019-0224>
4. Fernandes CM, Montuori CA. A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das Fake news contidas em 'As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho'. *Revista eletrônica de comunicação informação e inovação em saúde*. 2020; 14(2):444-460. <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i2.1975>
5. Henriques CMP. A dupla epidemia: febre amarela e desinformação. *Revista eletrônica de comunicação, informação e inovação em saúde, Brasília*. 2018; 12(1):9-13. <https://doi.org/10.29397/reciis.v12i1.1513>
6. Monari ACP, Bertolli Filho C. A saúde sem Fake news: estudo de caracterização das informações falsas divulgadas no canal de informação e checagem de Fake news do Ministério da Saúde. *Revista Mídia e Cotidiano, São Paulo*. 2019; 13(1):160-186. <https://doi.org/10.22409/ppgmc.v13i1.27618>
7. Idoeta PA. A história que deu origem ao mito da ligação entre vacinas e autismo. *BBC News Brasil, São Paulo*, 24 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-40663622>. Acesso em: 19 de fev. 2021.

8. Almeida GBC, Feitosa RCA. Os efeitos das Fake news e as repercussões psíquicas na vida humana e da sociedade. *Revista Fontes Documentais*. 2020; 3:289-295. <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/151138>. Acesso em: 26 ago. 2023.
9. Treharne T, Papanikitas A. Defining and detecting Fake news in health and medicine reporting. *Journal of the Royal Society of Medicine, Oxford*. 2020; 113(8):302-305. <https://doi.org/10.1177/0141076820907062>
10. Matos RC. Fake news frente a pandemia de COVID-19. *Revista Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia*. 2020; 8(3):78-85. <http://orcid.org/0000-0003-2644-7305>
11. Freire NP, Cunha ICKO, Ximenes Neto FRG, Machado MH, Minayo MCS. A infodemia transcende a pandemia. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(9):4065-4068, 2021. DOI: 10.1590/1413-81232021269.12822021
12. Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília; 2012. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2023.
13. Pinto LB, Silva JBX, Oliveira VR, Ferreira MLS, Freitas KM, Vieira RP. Implicações das fake news nas práticas de vacinação: relatos produzidos pela equipe de enfermagem. *Research, Society and Development*. 2021; 10(10):e575101018997-e575101018997. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18997>
14. Barcelos TN, Muniz LN, Dantas DM, Cotrim Junior D, Cavalcante JR, Faerstein E. Análise de Fake news veiculadas durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. *Revista Panamericana de Salud Pública*. 2021; 45(e65). <https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.65>
15. Moreira MRC, Cândido JAB, Alexandre SF, Torres GMC, Santos CMB, Costa MS. Categorias das Fake news sobre Covid-19 disseminadas no primeiro ano da pandemia no Brasil. *Mundo da Saúde*. 2021; 45: 221-232, e1122020. Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/1067>. Acesso em: 26 ago. 2023.
16. Demari CL; Scheuer L. Análise das fake news na inferência do cotidiano das pessoas. *Brazilian Journal of Business*. 2022; 4(1): 508-527. DOI: <https://doi.org/10.34140/bjbv4n1-030>
17. Zanatta WGPM, Branco IK, Pereira D, Kato LH, Maluf EMCP. Fake news: the impact of the internet on population health. *Rev Assoc Med Bras* 2021;67(7):926-930. <https://doi.org/10.1590/1806-9282.20201151>

18. Kaspersky. 62% dos brasileiros não sabem reconhecer uma notícia falsa. 2020. Disponível em: https://www.kaspersky.com.br/about/press-releases/2020_62-dos-brasileiros-nao-sabem-reconhecer-uma-noticia-falsa.
19. Giorgiani M, Valente HCO, Perissato IL, Faria LFD, Rocha MB, Costa LCGP et al. O impacto das fake News na pesquisa científica: relato de experiência. Rev. Saúde Digital Tec. Educ., Fortaleza. 2020; 5(3):01-15, ago./dez. DOI: 10.36517/resdite.v5.n3.2020.re1
20. Ferreira GB, Pereira AR, Marconato BH, Felicetti GCL, Ferreira GF, Souza MC, et al. Educação e promoção em saúde como ferramenta para desmistificar “fake news” sobre as vacinas contra Covid-19: um relato de experiência. Brazilian Medical Students. 20215(8): 1-6. DOI: <https://doi.org/10.53843/bms.v5i8.170>
21. Brisola A; Bezerra AC. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102819>.
22. Souza GBV, Lima BJS, Santos JVP, Menezes CN, Andrade MAR, Fontes GQ, et al. Avaliação do impacto das Fake news no âmbito da saúde pública em tempos de pandemia pelo novo coronavírus em Aracaju. *braz j infect dis*. 2022; 26(S1):101996. <https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102018>
23. Almeida A, Almeida A, Souza MPL, Souza MPV, Liberato LC, Silva CLR, et al. Como as Fake news prejudicam a população em tempos de Pandemia Covid-19? Revisão narrativa. *Braz. J. of Develop. Curitiba*. 2020; 6(8):54352-54363, ago. DOI:<https://doi.org/10.34117/bjd.v6n8-013>
24. Souza TS, Ferreira FB, Bronze KM, Garcia RV, Rezende DF, Santos PR et al. Mídias sociais e educação em saúde: o combate às fakes news na pandemia pela Covid-19. *Enferm. Foco* 2020; 11 (1) Especial:124-130. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3579/814>